

Etnomatemática e corpo-território: a feitura de cestarias de uma artesã Avá Guarani como fonte historiográfica

Ethnomathematics and body-territory: the making of basketry by an Avá Guarani artisan as a historiographical source

Midiá Barbosa¹  

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste

Rhuan Guilherme Tardo Ribeiro²  

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa em andamento sobre a feitura de cestarias *Avá Guarani*, estabelecendo conexões entre a etnomatemática e as historiografias da matemática. A investigação parte do conceito de corpo-território como espaço de produção e transmissão de saberes matemáticos, analisando como esses conhecimentos se manifestam ao longo do processo de feitura das cestarias. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem etnográfica e colaborativa, fundamentada na perspectiva do “Pesquisar COM”, que valoriza a narração das experiências e vivências da artesã. Nessa abordagem, o conceito de corpo-território é central para a construção do conhecimento, pois evidencia a relação entre os saberes matemáticos, os gestos, os materiais e o território. Além disso, a pesquisa se constitui como fonte para a historiografia da matemática, ao documentar os saberes matemáticos presentes na prática artesanal. A análise da cestaria, desde a retirada da fibra de bananeira até a finalização do produto, revela a intrínseca conexão entre corpo, território e conhecimento matemático, ampliando as possibilidades de compreensão do pensamento matemático de forma mais plural e situada.

Palavras-chave: Corpo-Território; Saberes Indígenas; Cestaria Avá Guarani; Reterritorialização.

ABSTRACT

This article presents ongoing research on Avá-Guarani basket-making, establishing connections between ethnomathematics and the historiographies of mathematics. The investigation is based on the concept of body-territory as a space for the production and transmission of mathematical knowledge, analyzing how this knowledge manifested itself throughout the process of making baskets. Methodologically, the research adopts an ethnographic and collaborative approach, based on the perspective of “Research WITH”, which values the narration of the experiences and experiences of the artisan. In this approach, the concept of body-territory is central to the construction of knowledge, as it highlights the relationship between mathematical knowledge, gestures, materials and territory. In addition, the research constitutes a source for the historiography of mathematics, by documenting the mathematical knowledge present in artisanal practice. The analysis of basketry, from the removal of banana fiber to the completion of the product, reveals the intrinsic connection between body, territory and mathematical knowledge, expanding the possibilities of understanding mathematical thought in a more plural and theoretical way.

Keywords: Body-Territory; Indigenous Knowledge; Avá Guarani Basketry; Reterritorialization.

INTRODUÇÃO

Este texto busca refletir sobre experiências de aprendizado em um espaço intercultural indígena, compartilhado entre a pesquisadora e uma artesã Avá Guarani, e construído a partir de encontros cotidianos que privilegiam a escuta, a observação e a vivência.

¹ Mestranda pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. E-mail: midiajbarbosa@gmail.com.

² Doutor em Educação para Ciências e Matemática pela Universidade Estadual de Maringá (PCM-UEM). Professor no curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Faculdade Intercultural Indígena-FAIND da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: rhuanribeiro@ufgd.edu.br.

A pesquisa, intitulada *Etnomatemática e Corpo-Território: a feitura de cestarias de uma artesã Avá Guarani*, tem como objetivo estudar os saberes etnomatemáticos presentes na prática da cestaria, inserindo-a no contexto holístico de um fazer coletivo e ancestral, constituído a partir do corpo-território dessa artesã.

Este estudo está sendo desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Matemática (PPGen) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Foz do Iguaçu, no oeste do Paraná.

O primeiro contato com a artesã ocorreu no início de 2023, nos corredores do Colégio Estadual Indígena *Teko Nemoingo*, localizado no território *Ocoy*, em São Miguel do Iguaçu, Paraná. Nesse ambiente, tanto a autora quanto a artesã desempenham funções laborais: a pesquisadora, também professora de Matemática nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, e a artesã como agente educacional nos anos iniciais. Foi nesse espaço que surgiu a possibilidade de a artesã indígena ensinar à professora não indígena as técnicas de cestaria de seu povo. Posteriormente, a ideia amadureceu no Programa de Pós-Graduação e se consolidou como uma pesquisa científica no campo da Etnomatemática.

Destacamos que a relação entre etnomatemáticas e histórias das matemáticas configuram um campo de estudo para compreender a forma como diferentes culturas desenvolvem e utilizam suas matemáticas em conformidade com suas necessidades cotidianas. Um aspecto relevante da matemática indígena é sua intrínseca conexão com a natureza. A observação dos fenômenos naturais e a aplicação desse saber para o planejamento de atividades, como plantio, caça e rituais, ilustram uma matemática que se fundamenta no entendimento dos seres humanos e não humanos. Esse conhecimento é transmitido de geração em geração, frequentemente por meio de práticas orais, e não requer formalização ou abstração, como ocorre na tradição matemática ocidental.

Em diálogo com a artesã, surgiram algumas questões centrais para a pesquisa que está em andamento: como ocorre a feitura das cestarias no território *Ocoy*? Quais materiais e técnicas são utilizados pela artesã para fazer os cestos?

A pergunta orienta a pesquisa em construção. Contudo, para esta comunicação, direcionamos nossos esforços para registrar nossas experiências em uma pesquisa etnomatemática e refletir sobre como ela nos ajuda a compreender a relação entre Etnomatemática e História da Matemática por meio da Historiografia³. Especificamente, questionamos de que forma essa pesquisa em etnomatemática pode contribuir para a ação historiográfica e, conseqüentemente, para as histórias do pensamento matemático.

O olhar para a prática da cestaria como um fazer etnomatemático trouxe desafios teóricos, relacionados à compreensão dos caminhos epistemológicos possíveis para a Etnomatemática, e desafios práticos, decorrentes da inexperiência da autora com o trabalho de campo. No âmbito teórico, destaca-se a impossibilidade de conduzir uma pesquisa etnomatemática epistemologicamente “neutra”. Seria possível que o olhar da professora-pesquisadora ultrapassasse suas próprias concepções matemáticas? Já no aspecto prático, surgem dificuldades na delimitação do estudo: o que pode ser

³ Quando usamos letra maiúscula para designar História da Matemática, Etnomatemática e Historiografia o fazemos por percebê-los enquanto programas de pesquisa institucionalizados. Já quando os termos estiverem escritos em letra minúscula é porque entendemos que dentro de cada programa existem definições distintas de etnomatemática, história da matemática e historiografia.

excluído (ou não mencionado) em uma pesquisa etnomatemática construída a partir do encontro intercultural de mulheres em uma comunidade indígena?

Essas reflexões levaram à adoção de conceitos e procedimentos que orientam o percurso teórico e metodológico da pesquisa em andamento. Com base no conceito de Etnomatemática de Ubiratan D'Ambrosio (1998), compreendemos o Programa Etnomatemático como a arte ou técnica de conhecer e explicar em diferentes âmbitos culturais. Para o autor, as etnomatemáticas são saberes únicos, característicos de seus locais de origem.

Partimos do entendimento de que esses saberes, além de únicos, são também singulares. Em outras palavras, há uma etnomatemática que emerge da feitura das cestarias pela artesã indígena e outra que se manifesta no olhar da professora-pesquisadora. Reconhecer a coexistência dessas percepções em uma mesma pesquisa enriquece o percurso metodológico, ao mesmo tempo que respeita as diferenças e assume as limitações do estudo.

Além disso, ao admitirmos a coexistência de diversas formas de perceber e fazer matemática, orientamos nossas ações a partir de uma visão que busca se afastar de uma norma monocultural que privilegia apenas uma única maneira de fazer matemática. Para Geni Nuñez (2021), existe uma ideologia colonial que sustenta práticas de violência em múltiplas instâncias⁴, seja em relação à natureza (ecocídio), aos povos tradicionais (etnocídio), no preconceito racial (racismo) ou às violências de gênero (misoginia).

De acordo com Fumikas Saito (2018), toda história é orientada historiograficamente, sendo a historiografia a escrita crítica da história do pensamento matemático, enquanto a história da matemática constitui uma narrativa histórica propriamente dita.

Ao traçarmos um paralelo entre os pensamentos de Geni Nuñez e Saito, fazemos isso por compreender que a escrita da história da matemática, quando orientada pela narrativa historiográfica tradicional, destaca apenas a coerência interna do saber matemático. Além disso, tem como referência a matemática que (re)conhecemos nos dias de hoje, refletindo, assim, uma história do pensamento matemático alinhada à ideologia colonial e colocando em prática a monocultura do pensamento matemático.

Isso porque “tais narrativas referem-se apenas à história daquilo que deu certo, legitimando a ideia de que só havia um único caminho para a matemática moderna.” (Saito, 2018, p. 608). Dessa forma, apenas uma maneira de matematizar foi aceita como expressão legítima do pensamento matemático.

Na mesma direção, ressaltamos que, para Ole Skovsmose (2007, p. 41), “a matemática ocidental foi descrita como representante de valores ocidentais e como um modo dominante de pensamento.” Em poucas palavras, quando falamos de Matemática ou de matemática moderna, estamos nos referindo a uma forma específica de fazer matemática, considerada universal, mas com raízes eurocêntricas, fundamentada na estrutura axiomática e no uso exclusivo do aparato da razão. Ela não se confunde com o pensamento matemático, que é mais amplo.

⁴ Essas práticas são interconectadas e interdependentes, operam segundo o princípio da não concomitância constituindo, assim, um sistema de monoculturas: a “monocultura da fé, no monoteísmo cristão; monocultura da sexualidade, monosssexismo heterocisnormativo; monocultura dos afetos, na monogamia e assim por diante” (Longhini, 2021, p.67).

Desde nossa perspectiva, a visão historiográfica atualizada, que valoriza “os contextos de elaboração, transformação, transmissão e disseminação do conhecimento matemático em diferentes épocas e culturas” (Saito, 2018, p. 608), atua na contramão do pensamento da monocultura matemática. Essa mesma característica pode ser observada nas pesquisas em etnomatemática. Para o pesquisador Marcos Lübeck (2023, p. 5), “Mesmo que se diga que a etnomatemática é uma subárea da história da matemática, suas pesquisas ainda têm no caráter etnográfico sua predominância. Eis aqui espaços para aproximações.”

Assim como Lübeck (2023), acreditamos que os trabalhos em etnomatemática podem oferecer um ponto de vista epistemológico valioso para as pesquisas historiográficas. Ou seja, acreditamos que os registros e os documentos construídos a partir da etnomatemática são fontes para a historiografia e, portanto, contribuem para a formulação de novas narrativas na história da matemática.

Metodologicamente, para a pesquisa em andamento utilizamos uma abordagem etnográfica sob a perspectiva do *Pesquisar COM*⁵, entendida como uma experiência científica no feminino, em que narrar, sentir e pesquisar se articulam (Moraes e Quadros, 2020). Assim, buscamos realizar uma pesquisa *com* a artesã, e não *sobre* ela.

No que tange à etnomatemática da artesã, é essencial considerar que os saberes corporificados em sua prática não podem ser reduzidos a conhecimentos individuais. Por essa razão, a experiência não pode ser enquadrada como um simples estudo de caso, pois saberes ancestrais não se restringem a um contexto local (Holanda, 2021). Esses saberes, além de coletivos, são transmitidos e compartilhados no território, o que nos leva a adotar o conceito de corpo-território.

Para Lorena Cabnal (2013), mulher indígena Maya-Xinka, o território-terra não se limita a um espaço geográfico definido por leis e populações. Trata-se de um conceito integral que inclui os vínculos com a terra, as subjetividades, os afetos e os saberes. É nessa integralidade que o corpo-território encontra sua expressão. Da mesma forma, Célia Xacriabá e outros autores defendem que, mesmo quando deslocados, os corpos-territórios mantêm a capacidade de reterritorializar outros espaços, transformando-os com sua presença (Xacriabá et al., 2020, p. 84).

Entendemos o conceito de corpo-território como um enunciado político que une a luta pela defesa dos corpos femininos indígenas e dos territórios, além de funcionar como uma categoria de análise (Cruz Hernandez, 2017). A pesquisa, portanto, almeja evidenciar os vínculos entre corpo-território e etnomatemática por meio do processo de feitura das cestarias.

Especificamente na pesquisa em andamento, ao analisá-la sob o prisma da historiografia atualizada, será possível inserir no campo da história da matemática uma diversidade de corpos-territórios que produzem saberes matemáticos e que fazem etnomatemáticas. Da mesma forma, ao evidenciar as etnomatemáticas produzidas por esses corpos-territórios, fica esclarecida a necessidade de defendê-los se quisermos falar da pluralidade do pensamento matemático.

No entanto, devido à delicadeza exigida no tratamento das informações relacionadas às experiências de vida da artesã, concentramos nossos esforços, ao longo deste texto, em relatar, desde a

⁵ A perspectiva *PesquisarCOM* é uma forma de construir conhecimento junto com as pessoas envolvidas na pesquisa, valorizando suas histórias, saberes e vivências. Diferente de um modelo tradicional, em que o pesquisador observa e analisa de fora, essa abordagem se baseia no diálogo, na colaboração e no respeito mútuo.

perspectiva da pesquisadora, os primeiros encontros dedicados à feitura das cestarias. Assim, este trabalho se limita à narração do processo de retirada e preparo da *pakova pire* (fibra de bananeira).

Reiteramos, que ao final da pesquisa de mestrado, nosso objetivo não é definir o que significa ser uma mulher *Avá Guarani* nem objetificar sua experiência de vida. Tampouco buscamos determinar o que é a Etnomatemática para o seu povo. Dito isso, buscamos registrar suas vivências e, a partir delas, compreender como os saberes etnomatemáticos presentes na produção de cestarias se relacionam com o corpo-território.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os conceitos de Corpo-Território e Corpo que Reterritorializa surgem a partir das lutas sociais de povos indígenas, juntamente com comunidades quilombolas, ribeirinhas, caiçaras, entre outras comunidades tradicionais, que se organizam na defesa de seus territórios por toda a América Latina. Para Lorena Cabnal (2013), esses conceitos vêm sendo construídos a partir da teoria e da prática, com o objetivo de compor um novo imaginário político e de luta, no qual se destaca que o corpo da mulher é o primeiro território a ser defendido.

Podemos entender o corpo que reterritorializa como aquele que carrega em si o território, ou seja, o corpo enquanto território ampliado. Não se trata de um corpo confinado à individualidade, limitado às margens do próprio corpo, entendido como “propriedade” respaldada por direitos individuais, mas como uma matéria expandida, uma superfície extensa de afetos, trajetórias, recursos e memórias (Gago, 2020). O corpo, assim, carrega o território em si.

Para os povos tradicionais, o corpo, o território e os saberes não são partes separadas; eles formam um tecido indissociável que constitui a base de sua identidade e resistência. É a partir dessa concepção de indissociabilidade que abordamos o conceito de Etnomatemática.

De acordo com Ubiratan D'Ambrosio (1998), cada grupo tem suas próprias formas de se matematizar, enraizadas em sua cultura. A esse respeito a etnomatemática para os povos originários se manifesta nas formas de conhecimento que esses povos desenvolvem a partir da observação e interação com a natureza. Para eles, a matemática não é uma abstração de números e fórmulas, mas um saber enraizado em suas vivências e relações com o mundo ao seu redor. Em outras palavras, o pensamento matemático indígena provém da própria cultura (Ribeiro, 2022).

Entendemos o conceito de corpo-território como um enunciado político que une a luta pela defesa dos corpos femininos indígenas e dos territórios, além de funcionar como uma categoria de análise (Cruz Hernandez, 2017). A pesquisa, portanto, evidencia a partir do conceito de corpo-território os saberes matemáticos necessários à feitura das cestarias.

Neste sentido, a etnomatemática oferece pontos de vista epistemológicos sobre as manifestações do pensamento matemático. Porém, a multiplicidade dos saberes matemáticos também compõe a área de interesse da historiografia, e, portanto, a análise histórica se torna fundamental para que as etnomatemáticas não sejam representadas enquanto folclore ou crendices (Lübeck, 2023).

METODOLOGIA

A proposta da pesquisadora vai além de observar e descrever a produção das cestarias, buscando também aprender a fazê-las junto à artesã *Avá Guarani*. Assim, a metodologia adotada é a pesquisa de campo com abordagem etnográfica. Além disso, para evitar tratar a artesã como uma simples participante da pesquisa, nosso trabalho se orienta pela perspectiva do “Pesquisar COM”, que visa estabelecer uma relação de colaboração.

Na perspectiva do “Pesquisar COM”, há uma preocupação em permitir que o campo de pesquisa nos mostre os caminhos a serem seguidos para “reconhecê-los como parte do processo, considerando que este é um trajeto que envolve imprevisibilidades, o que nos leva a realinhar constantemente nossas ações e convocações de um fazer artesanal” (Oliveira Moraes e Toledo Quadros, 2020, p. 9).

Nesse sentido, ao longo da pesquisa, ocorreram conversas informais entre a artesã e a pesquisadora, com o objetivo de organizar os dias e os locais mais adequados para os encontros. Essas conversas também permitiram um diálogo sobre os conceitos teóricos de Etnomatemática, Corpo-Território e Corpo que Reterritorializa utilizados na pesquisa, explorando como, a partir da perspectiva tanto da pesquisadora quanto da artesã, esses conceitos se relacionam com a vivência da artesã no território e com a feitura das cestarias.

Portanto, nossas escolhas metodológicas partem do entendimento de que a artesã é, simultaneamente, representante e guardiã dos conhecimentos ancestrais de seu povo sobre a cestaria, além de ser parceira ativa na pesquisa de campo, pois investiga seus saberes e práticas aplicadas a essa arte. No entanto, a pesquisa não adota como premissa o estudo de caso, pois o objetivo não é individualizar um saber que, por sua natureza, é ancestral e coletivo.

Em consonância, a escrita segue o formato de narrativa, pois implica um posicionamento de participação de quem escreve, enquanto a descrição remete a uma posição de observação. Além disso, a narrativa se alinha à forma artesanal de comunicar, em que a intenção não é simplesmente transmitir informações, mas sim conteúdos, ou seja, conjuntos de temas, argumentos e ideias que formam o texto (Ceia, 2009).

Assim, a partir desses conteúdos, transmitem-se experiências. “Dessa forma, nas narrativas, o autor não informa sobre sua experiência, mas conta sobre ela, tendo, com isso, a oportunidade de pensar algo que ainda não havia pensado” (Muylaert *et al.*, 2014, p. 194).

Em razão do caráter etnográfico da pesquisa, foram organizados encontros tanto no território Ocoy quanto na residência da pesquisadora, com o objetivo de acompanhar e auxiliar a artesã em todas as etapas do processo, desde a retirada da *pakoka yvira* (fibra de bananeira), passando pela secagem e preparo da fibra, até a feitura das cestarias.

Para registrar os encontros, foram utilizados o caderno de campo, registros fotográficos e entrevistas abertas como ferramentas. No caderno de campo, estão registrados em primeira pessoa os momentos dos encontros, as saídas para coleta dos materiais, o preparo desses materiais e a feitura das cestarias.

O campo de narração da pesquisa de cunho etnográfico oferece uma conjuntura em forma de texto. Nele, a historiografia transcorre em meio à história e à etnografia, de modo que se cria a pos-

sibilidade de construir uma história das matemáticas articulada à etnomatemática (Lübeck, 2023). Nesse sentido, a etnomatemática se apresenta não apenas como proposta historiográfica, mas também como fonte para as pesquisas historiográficas.

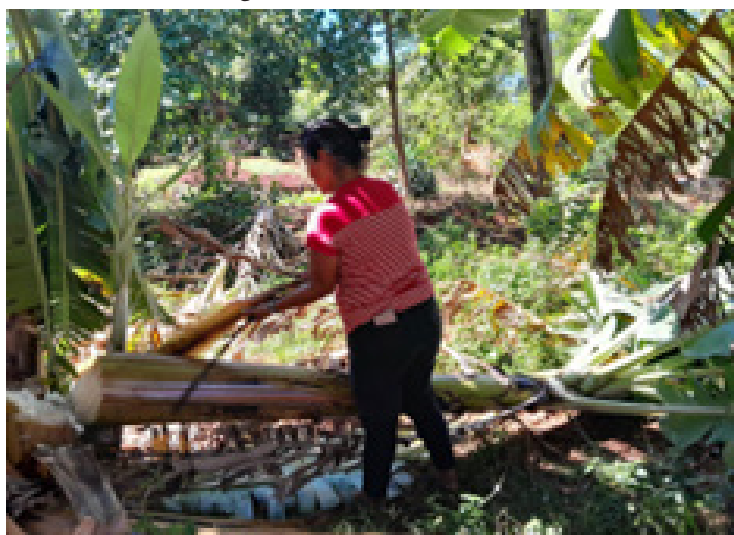
ANÁLISES E RESULTADOS

Primeiro Momento—Retirada da *Pakova Pire* (Fibra de bananeira)

A retirada da fibra da bananeira aconteceu em uma quarta-feira de dezembro de 2024, a primeira quarta-feira após o início das férias do ano letivo. Cheguei à casa da artesã por volta das 09h20, em um dia de muito sol. Um abraço, o compartilhamento de algumas cuias de tererê e o ato de afiar o facão foram as ações que antecederam o início do trabalho.

Com o facão em mãos, a artesã seleciona a bananeira mais comprida que encontra no pátio de sua casa, que fica em frente à escola da comunidade, garantindo, assim, que as fibras colhidas também sejam longas (Figura 1).

Figura 1 – Corte da bananeira



Fonte: Autoria própria, 2024.

Após alguns golpes na base da bananeira, a planta é derrubada, e aquilo que leigamente reconhecemos como o tronco da bananeira é, na verdade, pseudocaule⁶ (Figura 2). O pseudocaule da bananeira é formado por várias capas ou camadas, cada uma com uma superfície lisa voltada para o exterior e outra voltada para o interior do caule. Essas camadas são mais finas nas laterais, onde iniciam ou terminam seu crescimento, e mais volumosas no centro (Figura 2). São essas partes lisas que são separadas uma a uma com o auxílio de uma faca.

O pseudocaule que fica aparente na planta, como uma primeira camada, é imediatamente descartado. Pergunto por que essa primeira folha não é utilizada, e a artesã explica que, ao secar, ela se torna muito dura e afiada. Nesse momento, ela recorda que já usou essa camada inicial para confeccionar um tapete encomendado por um hotel da região. Ela acrescenta, ainda, que essa parte da bananeira é mais resistente e pode ser utilizada para esse tipo de trabalho, mas não para a confec-

⁶ De forma simplificada, os pseudocaulas são compostos por folhas alternadas e espiraladas.

ção de cestarias, pois nestas é necessário dobrar as fibras. Após o descarte inicial, a artesã continua a demonstrar como realizar a retirada.

Enquanto observo atentamente, fotografo o processo e seguimos conversando. Não estamos sozinhas; a irmã da artesã, que vive no mesmo terreno, mas em casas separadas, nos acompanha. Ofereço minha ajuda à artesã e passo o celular para que ela continue registrando as imagens.

Figura 2 – Pseudocaule



Fonte: Autoria própria, 2025.

Com o tronco deitado, a artesã posiciona a faca horizontalmente sobre o caule da bananeira e escolhe um dos lados mais finos da camada para iniciar o corte. A faca desliza entre a parte externa e interna da camada, seguindo em direção ao final do caule. Esse procedimento é repetido até que toda a parte externa da camada seja retirada (Figura 3). Não é necessário aplicar muita força; na verdade, é a leveza do movimento que permite que a fibra seja removida integralmente. Ao final desse processo, a parte externa é transformada em tiras mais estreitas que, após a secagem, se tornam as fibras da bananeira utilizadas na confecção das cestarias (Figura 4).

Figura 3 – Corte do pseudocaule para retirada das fibras



Fonte: Autoria própria, 2024.

Figura 4 – Fibras recém cortadas secando ao sol



Fonte: Autoria própria, 2024.

Após concluir a remoção da parte externa da camada, a artesã utiliza a faca para eliminar as sobras presentes entre as superfícies lisas, nivelando-as. Em seguida, a parte lisa voltada para o interior da bananeira é retirada manualmente de forma integral, sem ser transformada em tiras mais estreitas (Figura 5).

Figura 5 – Fibras recém cortadas secando ao sol



Fonte: Autoria própria, 2024.

Após essa primeira etapa, carregamos o tronco até a frente da casa da artesã, embaixo de uma árvore, e o colocamos sobre uma mesa para facilitar a retirada das fibras. Prosseguimos com os cortes até a penúltima camada do caule, pois, segundo a artesã, a última camada contém muita água e, por esse motivo, não é adequada para a produção da fibra.

À medida que íamos retirando as fibras, a artesã as pendurava no varal em sua casa. Ali elas permaneceram até o dia seguinte. Terminamos o trabalho antes do meio-dia e, então, nos sentamos embaixo da árvore para tomar *tererê* e conversar até o horário do almoço. A artesã sabia que precisaria cortar mais uma bananeira, então sugeri que escolhêssemos uma bem comprida, com bananas verdes.

Após a refeição, preparada pela irmã da artesã, voltamos a nos acomodar debaixo da sombra para tomar *tererê*. Ao refletirmos sobre as técnicas que estávamos utilizando pela manhã, a artesã mencionou que sua avó paterna e sua mãe faziam cestarias, mas que, na época, moravam na aldeia *Acaraymi*, no território nacional do Paraguai. Foi durante nossa conversa que o período de sua infância veio à memória.

Perguntei como a artesã aprendeu, suspeitando equivocadamente que uma das mulheres poderia tê-la ensinado. No entanto, a resposta foi que ninguém a havia ensinado diretamente. Desde criança, ela observava as mulheres e, às vezes, fazia cestarias como uma forma de brincar. Nessa mesma conversa, a artesã comentou que a técnica usada por sua avó e sua mãe não era a mesma que ela utilizou hoje comigo. Ela me explicou um pouco sobre a técnica de sua avó, e eu sorri, dizendo que precisaríamos de um mais um dia inteiro para aprendê-la. Assim, seguimos alternando os assuntos sobre as cestarias e a vida da artesã até as 16h, quando retomamos o trabalho, repetindo os mesmos passos até aproximadamente às 17h30, quando saímos para buscar as *ivati pire* (palha de milho).

SEGUNDO MOMENTO—PREPARAR A *PAKOVA PIRE* (FIBRA DE BANANEIRA)

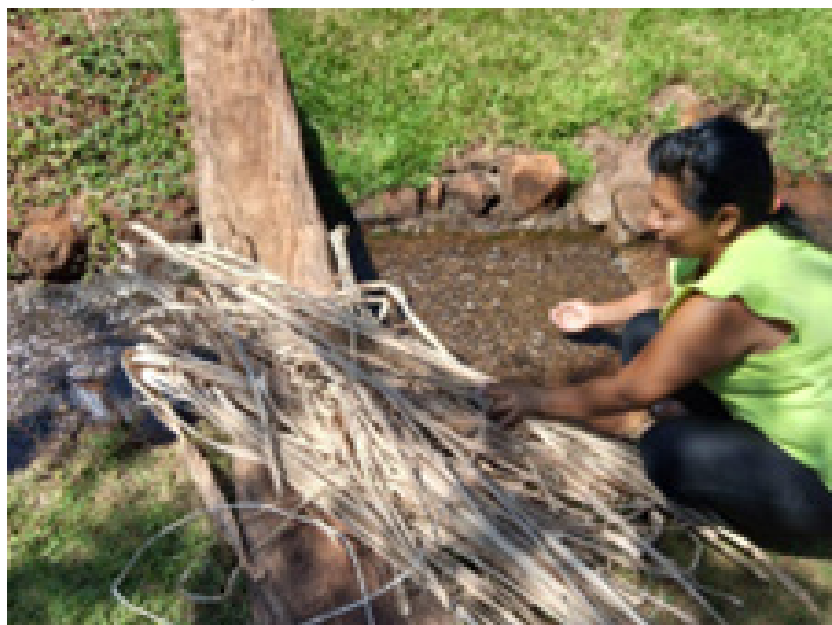
No dia seguinte à retirada das fibras, a artesã foi visitar seu irmão em uma comunidade próxima. Como o tempo indicava que iria chover, voltei à sua casa para pegar as fibras que havíamos cortado. Caso a chuva as atingisse, havia o risco de mofar ou até apodrecerem. Por isso, elas ficaram na garagem da minha casa durante aproximadamente um mês.

Passado as festas de fim de ano nos encontramos novamente na casa da artesã para reorganizar o cronograma da pesquisa. Entre outras decisões ficou estabelecido que faríamos a cesta com a *pakova pire* (fibra de bananeira) na minha casa uma vez que as fibras já estavam lá.

Voltei no dia marcado para buscá-la, mas decidimos mudar o local para a limpeza das fibras. Esse foi um momento importante para refletirmos sobre a potencialidade de reterritorialização de seu corpo-território. Assim, fomos até uma das entradas que dão acesso ao Parque Nacional do Iguaçu, que, no passado, foi território Guarani. Da minha casa até o local, levamos cerca de 30 minutos de carro. Na chegada, por volta das 10 horas da manhã, desembarcamos com nossas fibras e nosso *tererê*. Neste dia, meu filho, de dez anos, também nos acompanhou.

A primeira etapa do preparo das fibras consistiu em separar as tiras mais largas das mais estreitas. Após a separação, guardamos as tiras largas e iniciamos o processo de umedecer as tiras estreitas (Figura 6). Esse cuidado foi necessário porque, durante o processo de secagem, as fibras tendem a se fechar, o que exigiu que as abrissemos novamente (Figura 7).

Figura 6 – Artesã umedecendo as tiras



Fonte: Autoria própria, 2025

Figura 7 – Antes e depois do processo de desenvergar a fibra



Fonte: Autoria própria, 2025.

Para abrir as fibras, a artesã utilizou a parte não dentada de uma faca de serra. De maneira suave, ela deslizou a lâmina pela parte rugosa da fibra, preservando sua superfície lisa. Quando a fibra já apresentava uma superfície mais reta, a artesã removeu com as mãos as laterais que estavam mais finas que o restante (Figura 8). No entanto, o motivo dessa ação não ficou totalmente claro. Talvez tenha sido para garantir uma homogeneidade na espessura ou, quem sabe, para minimizar a possibilidade de a fibra envergar novamente.

Figura 8 – Retirada manual das laterais da fibra

Fonte: Autoria própria, 2025.

Enquanto preparamos as fibras, observamos que havia muitos ninhos de um pássaro conhecido como *Japu'i* (Japu), uma ave com plumagem negra, bico amarelo claro e cauda predominante de penas amarelas, seguidas por tons avermelhados. Seus ninhos, em formato de cesto, chamaram nossa atenção. A visão do pássaro e de seus ninhos despertou uma memória na artesã. Ela recordou-se da presença de sua mãe, que lhe contava que, para fazer bem as cestarias, era necessário ter, na forma de colar ou pulseira, um bico de *Japu'i*.

Uma vez concluída a limpeza das fibras, passamos para o terceiro momento: a feitura da cesta. Essa última etapa da feitura de cestaria será abordada de forma mais detalhada e divulgada posteriormente na dissertação do mestrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora não esteja registrado neste trabalho, os encontros foram marcados por conversas leves sobre o cotidiano e diálogos profundos sobre a vida. Compartilhamos memórias felizes, mas também memórias tristes, relacionadas às violências sofridas.

O conceito de corpo-território é uma imagem poderosa, especialmente para as mulheres indígenas. É por meio desse conceito que os saberes do território-terra são transmitidos entre as gerações. O corpo-território também possui a capacidade de ser um corpo que reterritorializa, retomando espaços que foram historicamente desapropriados.

Com isso, não estamos negando a importância dos territórios-terra para as comunidades indígenas, mas destacando que proteger, defender e lutar pelos corpos-territórios é essencial. O corpo-território se configura como uma memória viva do território-terra e, portanto, carrega consigo as formas de viver no território. De forma semelhante, o território-terra é a memória que habita o corpo, criando uma conexão inseparável entre ambos.

Nesse sentido, os conhecimentos etnomatemáticos, que são singulares, mas não individuais, pertencem ao corpo-território da artesã e estão diretamente relacionados ao território-terra do povo *Avá Guarani*.

Quando a prática da cestaria ultrapassa os limites legais do que é reconhecido como território *Ocoy*, o corpo-território da artesã reterritorializa outros espaços, e os saberes, mesmo fora de seus limites geográficos, não deixam de pertencer ao seu povo. Isso fica claro quando os saberes adquiridos pela artesã em sua infância no território *Acaraymi*, cujos limites se situam no Paraguai, acompanham seu corpo-território ao longo de sua vivência.

Sua chegada ao território *Ocoy* marca outro momento de reterritorialização de seu corpo, evidenciando que o corpo-território da artesã é um espaço dinâmico que transporta consigo as memórias, os saberes e as práticas de um território para outro. Assim, a transição entre os territórios, tanto em termos geográficos quanto culturais, fortalece a continuidade e a resistência dos conhecimentos ancestrais, que não são limitados por fronteiras físicas, mas seguem vivos e atuantes nas vivências cotidianas.

Nesse contexto, o corpo-território, enquanto categoria de análise, evidencia um ponto de vista epistemológico sobre os saberes matemáticos utilizados para o preparo das fibras, na mesma direção em que expõe as manifestações políticas relacionadas ao direito e à defesa dos territórios-terra e dos territórios-corpo, dada a relevância desses para o modo de ser *Avá Guarani*.

Ao fim, acreditamos que seja possível empregar textos resultantes de pesquisas etnomatemáticas como fontes historiográficas, contribuindo para a construção de novas narrativas históricas da matemática. Notavelmente, ao utilizar a pesquisa em andamento como um prisma epistemológico, abre-se a possibilidade de refletir sobre outras lógicas possíveis para o pensamento matemático, evidenciando que a produção desse saber se dá por meio do corpo de uma mulher indígena.

AGRADECIMENTOS

De forma breve, agradeço a artesã pela confiança em compartilhar os saberes de seu corpo-território e a comunidade *Avá Guarani* por me permitir caminhar no território.

REFERÊNCIAS

CABNAL, Lorena. Defender un territorio de la minería sin defender a las mujeres de la violencia sexual es incoherencia. **Diagonal**, Madrid, maio 2013. Disponível em: <https://www.diagonalperiodico.net/global/defender-territorio-la-mineria-sin-defender-cuerpos-mujeres-la-violencia-sexual-es>. Acesso em: 13 jan. 2025.

CEIA, Carlos. Conteúdo. In: E-Dicionário de Termos Literários, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/conteudo#:~:text=1.,de%20assunto%20e%20de%0mat%C3%A9ria>. Acesso em: 22 jan. 2025.

CRUZ HERNÁNDEZ, Delmy Tania. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. *Solar*, vol. 12, n.1, p. 35-46, 2017. Disponível em: <http://revistasolar.org/wp-content/uploads/2017/07/3-Una-mirada-muy-otra-a-los-territorios-Cuerpos-femeninos.-Delmy-Tania-Cruz-Hern%C3%A1ndez.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2025.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**: arte ou técnica de explicar e conhecer. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

GAGO, Verónica. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 2020.

HOLANDA, Marianna. Saúde coletiva e o planeta comum: o chamado das mulheres indígenas de cura pela terra. **Interterritórios – Revista de Educação**, Caruaru, v. 7, n. 13, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interterritorios/article/view/250068>. Acesso em: 21 jan. 2025.

LONGHINI, Geni Daniela. Da cor da terra: etnocídio e resistência indígena. **Revista Tecnologia & Cultura**, Rio de Janeiro, Edição especial, p. 65-73, 2021. Disponível em: <https://observatorio-branquitude.com.br/dar-cor-da-terra-etnocidio-e-resistencia-indigena/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

LÜBECK, Marcos. Entre a história e a etnomatemática: a perspectiva historiográfica. **Anais**–Seminário Nacional de História da Matemática, [s. l.], v. 15, 2023. Disponível em: <https://snhm.com.br/anais/article/view/123>. Acesso em: 3 mar. 2025.

MORAES, Marcia Oliveira; QUADROS, Laura Cristina de Toledo. Ciência no feminino e narrativas de pesquisa: PesquisarCOM e a artesanaria na pesquisa. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 3, p. 1-14, set. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000300003&lng=pt&nrm=iso. acessos em: 05 fev. 2025.

RIBEIRO, Rhuan. **A etnomatemática presente em artesanatos e adereços produzidos por uma comunidade indígena Guarani do Oeste do Paraná. 2022**. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência e a Matemática) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022.

SAITO, Fumikazu. A pesquisa histórica e filosófica na educação matemática. **Eventos Pedagógicos**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 604–618, 2018. DOI: 10.30681/rep.v9i2.10087. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/10087>. Acesso em: 5 mar. 2025.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação crítica**: incerteza, matemática, responsabilidade. Tradução de Maria Aparecida Viggiani Bicudo. São Paulo: Cortez, 2007.

XAKRIABÁ, Vicente; XAKRIABÁ, Edvaldo; XAKRIABÁ, Célia. **Corpo-território**. In: Ana Maria R. Gomes, Deborah Lima, Mariana Oliveira & Renata Marquez (Orgs.). *Mundos Indígenas*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2020. p. 78-109.